



Terra de Fernão Magalhães

CÂMARA MUNICIPAL DE SABROSA

Rua do Loreto
5060-328 Sabrosa - Portugal
T. +351 259 937 120
F. +351 259 937 129
geral@cm-sabrosa.pt

POSTO DE TURISMO

Rua do Loreto
5060 Sabrosa
T. +351 259 939 575
turismo@cm-sabrosa.pt

ESPAÇO MIGUEL TORGA

Rua Miguel Torga,
5060-449 S. Martinho de Anta
T. +351 259 938 017
espacomiguelorga@cm-sabrosa.pt

MAPA ROTEIROS TORGUIANOS

- 1** VILA REAL
Casa de Diogo Cão
Paços do Concelho
Sé de Vila Real
Capela da Misericórdia
Casa dos Brocas
Igreja de S. Pedro
Pelourinho
Igreja de S. Paulo
Jardim da Carreira
- 2** Solar de Mateus
- 3** Panóias
- 4** S. Martinho de Anta
Casa de Miguel Torga
Escola
Negrilho
Espaço Miguel Torga
Senhora da Azinheira
Mamao de Madorras
Monumentos Megalíticos de Vilar de Celas
- 5** Descida de S. Martinho para o Ferrão
- 6** Sabrosa
Castro de Sabrosa
Casas senhoriais
Igreja matriz
- 7** Descida de Sabrosa para o Pinhão
- 8** S. Leonardo de Galafura
- 9** Parque Natural do Alvão



ROTEIROS TORGUIANOS



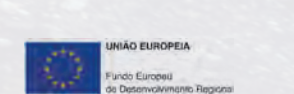
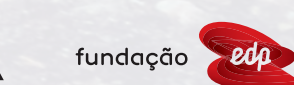
Terra de Fernão Magalhães



O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL
REGIONAL DO NORTE



QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

ORGANIZAÇÃO

MECENAS

APOIO

1. VILA REAL

CASA DE DIOGO CÃO

Segundo a tradição, aqui terá nascido o navegador que D. João II enviou em viagens de descobrimento da costa ocidental de África, e que chegou à foz do rio Zaire na segunda metade do século XV.

PAÇOS DO CONCELHO

Antigo hospital da Misericórdia, em estilo barroco tardio.

SÉ DE VILA REAL

Antiga igreja do Convento de São Domingos, iniciado em 1424.

CAPELA DA MISERICÓRDIA

Construída em 1532, com pórtico em arco de volta perfeita.

CASA DOS BROCAS

Construída pelo avô de Camilo Castelo Branco, tem na fachada uma lápide evocativa do escritor.

IGREJA DE S. PEDRO

No centro histórico da cidade, expressivo exemplo do estilo barroco.

PELOURINHO

Erigido em 1515, quando Vila Real recebeu de D. Manuel um novo foral.

IGREJA DE S. PAULO

Também conhecida como Capela Nova, foi mandada edificar em 1639 e o seu desenho é atribuído a Nicolau Nasoni.

JARDIM DA CARREIRA

Espaço de lazer criado no século XVIII, com árvores provenientes do Gerês. O busto de Camilo foi colocado em 1926.

2. SOLAR DE MATEUS



Desenhado por Nicolau Nasoni, é um dos mais belos exemplares da arquitectura barroca em Portugal.

Solar de Mateus, 8 de Junho de 1980 – Abri mais uma vez o Sésamo da infância. É nele que guardo o pecúlio com que vou saldando as contas do mundo.

“Há coincidências estranhas num destino humano. Nos meus remotos tempos de menino realizavam-se por esta altura, numa casa religiosa aqui de Mateus, uns para mim misteriosos retiros a que duas senhoras lá da minha aldeia assistiam invariavelmente. Viajavam de burro.

E o arreeiro era sempre eu, descalço, às topadas nas pedras dos atalhos, a comer o pó levantado pelo chouto das ferraduras. Trazia-as à tardinha, pela fresca, voltava com as azémolas, e vinha buscá-las na data apazada. Este grande palácio, então fabuloso na imaginação popular – tinha trezentas e sessenta e cinco janelas como os dias do ano – balizava-me as emoções da caminhada. Quando o descortinava ao fundo da paisagem, cercado dos seus belos jardins e encimado pelos seus pináculos e chaminés, alegrava-se-me o coração. Era o alívio da chegada, o suor

enxuto, o deslumbramento dos olhos. De regresso, montado numa das jumentas, mal o perdia de vista entrava em pânico. O toque das Trindades ressoava no vale. O sol escondia-se por detrás do Marão.

Adensava-se o crepúsculo. O resto da jornada teria de ser feito a tactear a noite. E com dois lustros de idade não se enfrentam de ânimo leve os fantasmas da escuridão.

Ora quis o acaso que, quase no termo de uma atribulada existência, eu começasse a frequentar por minha vez, nesta hospitaleira mansão, outros periódicos recolhimentos menos obscuros no meu entendimento. E que no decorrer de um deles fosse surpreendido pela notícia de que, na honrosa companhia do grande poeta do Brasil, Carlos Drummond de Andrade, acabara de ser distinguido com o Prémio Morgado de Mateus. Sem querer forçar o paralelo, não posso deixar, contudo, de associar no meu pensamento a imagem da criança de outrora à do homem encanecido de hoje. E associá-las num misto de humildade e conformação, a perguntar a mim mesmo se os caprichos da roda da fortuna nos permitirão evitar certas horas, boas ou más. (...)”

Diário, vol. XIII (discurso proferido por ocasião da entrega do Prémio Morgado de Mateus)

3. PANÓIAS



Santuário pagão construído entre finais do séc. II e inícios do séc. III d.C., lugar de ritos de iniciação e de imolação de vítimas. Consagrado a Serápis e aos deuses dos Lapitas, é o mais antigo santuário rupestre da Península Ibérica.

“Panóias, 21 de Dezembro de 1969 – Foi bonito, arrancar destas cruentas aras romanas e chegar ao santo sacrifício da missa! Que caminho percorrido no mundo do pensamento, da sensibilidade e da fé! O reixelo natural substituído por um cordeiro divino, o acto carniceiro de imolação transformado num ritual simbólico, a crença numa potestade sanguínea vivida numa comunhão de esperança. Vamos a ver agora se a humanidade será capaz de ir mais além ainda. Se, fazendo do conhecimento objectivo a exigência suprema, consegue chegar à meta de uma pureza espiritual sem necessidade de holocaustos de qualquer natureza.”

Diário, vol. XI

4. S. MARTINHO DE ANTA

CASA DE MIGUEL TORGA



“A casa nativa actualizada, com todas as sombras do passado pintadas de branco (...)”

Diário, vol. IX

ESCOLA



“Tem lêndeas... Tem lêndeas... Tem lêndeas...”

E logo minha Mãe:

– Ouves, rapaz?

– Ouço, sim senhora.

Largava tudo, punha a velha saca de lona a tiracolo, de maneira que o lírio-roxo ficasse voltado para fora, procurava a boina e saía.

No quinteiro, parava, a inventariar o bernal. A lousa, o livro de leitura da quarta, o caderno de problemas, a aritmética, a caneta, o lápis, a borracha e os regrões. Não faltava nada. Podia seguir.

Subia a quelha, atravessava o Eirô sob a copa do negrilho, cumprimentava o senhor Arnaldo, sempre de plantão nos cobertos, e diante da loja das Pintas já levava a fralda de fora.

– Anda cá, desinfeliz!

Trangalhadaças e desleixado, punha-lhes os créditos de costureiras pelas ruas da amargura.

A mais velha metia-me a camisa para dentro, endireitava a cruz dos suspensórios, e a caminhada continuava.

A escola, ao fundo do povo, tinha mimosas à roda. (...)”

A Criação do Mundo (“O Primeiro Dia”)

NEGRILHO



Árvore centenária no largo da vila, conhecida pelo nome que na região se dá ao olmo ou ulmeiro.

S. Martinho de Anta, 26 de Abril de 1954.

A UM NEGRILHO

Na terra onde nasci há um só poeta.

Os meus versos são folhas dos seus ramos.

Quando chego de longe e conversamos,

É ele que me revela o mundo visitado.

Desce a noite do céu, ergue-se a madrugada,

E a luz do sol aceso ou apagado

É nos seus olhos que se vê pousada.

Esse poeta és tu, mestre da inquietação Serena!

Tu, imortal avena

Que harmonizas o vento e adormeces o imenso

Redil de estrelas ao luar maninho.

Tu, gigante a sonhar, bosque suspenso

Onde os pássaros e o tempo fazem ninho!”

Diário, vol. VII

ESPAÇO MIGUEL TORGA



Espaço desenhado pelo Arquitecto Souto Moura e inaugurado em 2014.

SENHORA DA AZINHEIRA



Enquadrada por um panorama granítico de montanha, capela do séc. XVII com retábulo barroco de talha dourada e pintura do tecto em *trompe l'oeil*.

“S. Martinho de Anta, 12 de Abril de 1965 – Chego – verdadeiramente, nem chegar é preciso: basta partir nesta direcção –, e pareço o cão do Pavlov: todo eu segrego baba emotiva. O simples nome da povoação, lido nos marcos da estrada, desencadeia dentro de mim uma girândola de reflexos. Vejo a Senhora da Azinheira a branquejar no alto da serra, oiço o sino a badalar, sabe-me a boca a tabafeira, cheira-me a rosmaninho. (...)”

Diário, vol. X

MAMOA DE MADORRAS

“Mamoas” é um termo popular que designa um dólmen coberto de terra, formando uma pequena elevação artificial. Datando do período neolítico, a mamoa de Madorras foi objecto de escavações arqueológicas nos anos 80 do século XX.

MONUMENTOS MEGALÍTICOS DE

VILAR DE CELAS



Circundada por uma paisagem de montanha, a necrópole das Touças situa-se perto dum antigo caminho que ligava os lugares de Garganta e Vilar de Celas.

5. DESCIDA DE S. MARTINHO

PARA O FERRÃO



No trajecto entre S. Martinho de Anta e o Ferrão, o Monte de S. Domingos (no centro de Paradelas, cortar à esquerda em direcção a Vilela) era um dos locais de caça de Miguel Torga. Com uma capelinha no alto, oferece um amplo panorama circular. Regressando a Paradelas e seguindo para o Ferrão, encontram-se várias quintas dispostas em socalcos com magníficas vistas, entre elas a Quinta do Crasto.

Ferrão, 7 de Setembro de 1968

DOIRO

Corre, caudal sagrado

Na dura gratidão dos homens e dos montes!

Vem de longe e vai longe a tua inquietação...

Corre, magoado,

De cachão em cachão,

A refractar olímpicos socalcos

De doçura

Quente.

E deixa na paisagem calcinada

A imagem desenhada

Dum verso de frescura

Penitente.”

Diário, vol. XI

6. SABROSA

CASTRO DE SABROSA

Datado da Idade do Ferro e depois ocupado pelos romanos.

CASAS SENHORIAIS

Entre elas, a Casa dos Pereiras, onde, segundo a tradição, nasceu Fernão de Magalhães, o edifício da Câmara Municipal, a Casa da Capela e o Solar dos Canavarros.

IGREJA MATRIZ (SÉC. XVIII)

7. DESCIDA DE SABROSA

PARA O PINHÃO

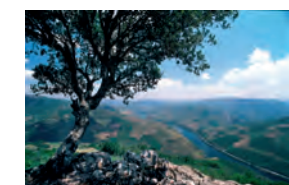


Numa paisagem de vinhedos, destaque para o solar do Visconde de Vilarinho de São Romão (capela do séc. XV e pedra de armas), na aldeia com o mesmo nome; Provesende, com várias casas senhoriais e pelourinho; as Quintas da Cavadinha e do Junco, cenários do romance *Vindima*; e, por alturas de S. Cristóvão, do lado esquerdo da estrada, belíssima vista sobre a confluência dos rios Douro e Pinhão.

“Encosta espraída de cepas a olhar o rio ao fundo e o céu lá no alto, a Cavadinha, com o nome em letras garrafais no arco de ferro que encima o largo portão da entrada, é o mimo das quintas. Uma alta ramada dá sombra ao caminho varrido que liga a estrada à residência, sólida construção sobranceira às várias dependências que a rodeiam: os lagares, os armazéns e a cozinha do pessoal. Casas caiadas de branco, telhado e tudo, como as de Penaguão, quando neva. Uma brancura para enganar o coração de quem vem. A cal, porém, não chegava até à cardenha onde dormiam os vindimadores. Longe do terreiro, sobradada de palha e dividida em dois por uma meia parede que teias de aranha prolongavam até ao telhado, de um lado amontoavam-se as mulheres, do outro ressonavam os homens e as crianças, quando, depois de um dia de corte, de cestos e de lagar, caíam como tordos no chão. (...)”

Vindima

8. S. LEONARDO DE GALAFURA



Entre Vila Real e Peso da Régua, situado a 640 metros de altitude, o miradouro fica no alto dum afloramento de quartzitos em forma de proa de barco e oferece um extraordinário panorama sobre o Douro.

“S. Leonardo de Galafura, 8 de Abril de 1977 – O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.”

Diário, vol. XII

9. PARQUE NATURAL DO ALVÃO



Área protegida de zona montanhosa e de vales fluviais. Na aldeia de Lamas de Olo, que vive essencialmente do pastoreio, subsistem algumas casas com telhados de colmo. Com acesso pela estrada florestal que liga Lamas de Olo a Ermelo, a cascata de Fisgas de Ermelo é uma das maiores quedas de água de Portugal.